

REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO NO BRASIL: UMA ANTOLOGIA

Aluna: Anna Olga Prudente de Oliveira
Orientadora: Marcia Amaral Peixoto Martins

Introdução

Nos anos 1990 começaram a surgir as primeiras antologias de reflexões ou teorizações sobre a tradução, como *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida* [1] e *Western Translation Theory: From Herodotus to Nietzsche* [2]. No entanto, essas antologias, por serem publicadas por editoras norte-americanas e européias e trazerem seus textos em inglês, mesmo quando estes foram produzidos originalmente em outra língua, têm um caráter fortemente etnocêntrico e hegemônico, não contemplando teorizações formuladas em línguas ou sistemas culturais periféricos. É muito raro trazerem, por exemplo, textos produzidos originalmente em português, embora se saiba que desde o século XIV há teorizações sobre tradução em Portugal. Pode-se dizer, com base nesta e em outras evidências, que os estudos historiográficos que abordam teorizações sobre tradução não são apenas eurocêntricos, mas particularmente voltados para culturas e línguas européias hegemônicas.

Objetivos

O objetivo desta pesquisa, que deverá se realizar em mais de uma etapa, é reunir um conjunto representativo de reflexões sobre a tradução por parte de autores, tradutores e críticos brasileiros, com vistas a conhecer e divulgar o pensamento acerca dessa atividade produzido em nosso sistema cultural. Assim, estamos compilando um *corpus* de textos integrais ou fragmentos de textos de escritores, tradutores e críticos brasileiros que refletem sobre questões ligadas à tradução, tais como maneiras de traduzir, visões de tradução, conceitos básicos, possíveis fronteiras entre tipos de tradução, traduções indiretas vs. traduções diretas, relações assimétricas entre culturas fonte e alvo. Estão sendo contempladas questões como: Que ideias sobre tradução foram desenvolvidas no Brasil? Por quem foram elaboradas? Com que finalidade? De que forma foram apresentadas (pequenos textos, cartas, prefácios, posfácios, artigos, jornais ou revistas, conferências etc.)? Que impacto tiveram sobre a prática da tradução em nosso país? Acreditamos que a reunião de tal conjunto de textos pode contribuir para um melhor entendimento de como a tradução é vista, praticada e avaliada no Brasil e dos motivos que subjazem a esses caminhos de prática, além de pioneiramente apresentar e difundir discursos sobre a tradução produzidos em um sistema cultural e idioma não hegemônicos, propiciando-lhe assim condições de visibilidade.

Metodologia

Para reunir o *corpus*, examinamos edições de obras clássicas traduzidas para o português do Brasil em busca de paratextos, bem como livros, artigos, dissertações e teses que apresentem, reproduzam ou discutam pensamentos de tradutores, autores e críticos.

Conclusões

O escopo da pesquisa é bastante amplo – desde José de Anchieta até os dias de hoje, embora nessa primeira fase tenhamos nos concentrado em alguns tradutores dos séculos XIX e XX: Odorico Mendes, Nísia Floresta, Machado de Assis, Monteiro Lobato e Mario Quintana.

Manuel Odorico Mendes (1799-1864) traduziu em versos decassílabos a epopéia homérica (*Ilíada* e *Odisséia*) e a obra de Virgílio (*Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*). Encontramos comentários do tradutor sobre suas escolhas tradutórias e sobre como realizava suas traduções em suas notas na *Eneida Brasileira* [3] e em prólogo à tradução da *Ilíada* [4], cujo manuscrito se encontra no acervo histórico do Museu Imperial, em Petrópolis.

Nas notas à *Eneida*, Odorico Mendes diz que considera a concisão e o poder de síntese um aspecto relevante na tradução. A segunda edição da *Eneida* de Odorico tem apenas 45 versos a mais que o original, embora o português seja uma língua analítica, enquanto o original foi escrito em latim, uma língua mais sintética, por ser flexiva e desprovida de artigos. (VIRGÍLIO, p.9) O tradutor em uma nota aos versos 183-89 do canto VI de sua tradução (VIRGÍLIO, p. 261) comenta:

“Que a epopéia peça um tom majestoso e gravidade, é incontestável; mas a concisão, necessária em todos os gêneros, casa com essa majestade e compasso. Para se isto conseguir não é forçoso prodigar palavras e perífrases: cumpre escolher os vocábulos, medir bem os períodos, as pausas do verso, estudar mesmo o efeito da combinação das sílabas e das letras, dos acentos e consonâncias. Pode um período ser curto e próprio do épico; para nada presta uma versalhada interminável.”

Observamos também a preocupação do tradutor em realizar uma busca pela variação lexical, para não repetir palavras quando o original apresenta termos distintos e até mesmo para imprimir uma variação lexical que não está presente no original. Odorico revela seu pensamento ao comentar o uso do adjetivo “*imite*” em uma nota de sua tradução (VIRGÍLIO, p.13): *“Acho pobreza que usando Virgílio de crudelis, immanis, immitis, crudus, saeuus, acer, acerbis, traduzamos todos estes pelo nosso tão surrado adjetivo cruel, imprimindo na locução uma cruel monotonia, quando os nossos nos legaram uma língua tão variada.”* A busca pela variação ocorre inclusive em versos que são repetidos no original e que Odorico modifica: *“Todos os versos repetidos na Eneida, eu os traduzo diferentemente, conservando contudo o sentido, e só variando nas palavras.”* (VIRGÍLIO, p.17, n.27)

No Prólogo à tradução da *Ilíada*, podemos observar o método utilizado por Odorico Mendes. O original não foi a única fonte utilizada pelo tradutor. Ele utilizava traduções em outros idiomas, assim como extraía soluções de outros tradutores:

“Como distinguia ainda se o que se me apresentava era verbo ou outra parte da oração, procurava todas as palavras gregas nos dicionários, e guiado pela interpretação latina, alinhavava a minha versão; depois consultava as de Mme. Dacien, Bignan, Rochefort, Giguet, Salvini, Manti, Mancini e outras, e se alguma delas me advertia de qualquer falta ou esquecimento, reformava a minha, tornando a consultar o original, a interpretação latina, comentadores, etc. Isto me fazia marchar lentamente, e houve dia que apenas apurava oito ou dez versos. Quando, com este método, consegui os três primeiros livros, li-os ao mencionado helenista, que é o Sr Joaquim Caetano da Silva; e ele, tendo-as combinado com o texto, animou-me a continuar.”

No mesmo Prólogo, Odorico ressalta a importância de um profundo conhecimento da língua para a qual se traduz. O tradutor deve ser um estudioso de sua língua para não ter qualquer dificuldade em termos de vocabulário:

“É uma regra já assentada que deve o tradutor saber igualmente a língua do original e a sua; mas eu opino que, se lhe basta saber a do original como um, forçoso lhe é saber a própria em dobro ou tresdobro. Quando se me apresenta, v. g., um trecho de versos, ainda que não conheça todas as palavras posso buscá-las nos dicionários, consultar comentadores, críticos, etc.; mas os termos da própria língua se não vem imediatamente à nossa memória, como é que os havemos de procurar? Para bem traduzirmos em português, cumpre d’antemão e com afincado termo-lo estudado, conhecer em grande parte os vocábulos afim que nos ocorram imediatamente e sem custo.”

A escritora e tradutora Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), precursora do feminismo no século XIX, publicou em 1832 aos 22 anos, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* [5]. Essa obra foi considerada por mais de um século e meio uma tradução de *Vindication of the Rights of the Woman* de Mary Wollstonecraft, publicada em 1792 [6]. Ainda não encontramos reflexões de Nísia Floresta sobre tradução, porém detivemo-nos nessa questão por se tratar de uma situação bastante peculiar para os Estudos da Tradução. Maria Lúcia Pallares-Burke observa que o texto de Nísia Floresta não possui elementos mínimos para que seja reconhecido como uma tradução da obra de Wollstonecraft. Em *A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta* [7], Pallares-Burke demonstra que não se trata de uma tradução livre da escritora inglesa e sim, da tradução de outra obra, *Woman Not Inferior to Man*; “um livreto de 1739, cujo autor ou autora desconhecida se escondia, e ainda se esconde, sob o pseudônimo de Sophia, a Person of Quality.” (PALLARES-BURKE, p.178)

Machado de Assis (1839-1908) também foi tradutor e crítico teatral. O escritor realizou traduções indiretas, prática comum no século XIX, visto que a segunda língua das pessoas cultas da época era o francês. Em *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*, de Eliane Ferreira [8], encontramos fragmentos de textos de Machado de Assis sobre tradução e a crítica que o escritor fazia acerca dos tradutores dramáticos de sua época. No ensaio *O passado, o presente e o futuro da literatura*, de 1858, Machado considera as traduções teatrais um empecilho ao desenvolvimento de um teatro nacional:

“O nosso teatro é um mito, uma quimera. E nem se diga que queremos que em tão verdes anos nos ergamos à altura da França, a capital da civilização moderna; não! Basta que nos modelemos por aquela renascente literatura que floresce em Portugal, inda ontem estremecendo ao impulso das erupções revolucionárias.

Para que essas traduções enervando a nossa cena dramática? Para que esta inundação de peças francesas, sem o mérito da localidade e cheias de equívocos, sensaborões às vezes, e galicismos, a fazer recuar o mais denodado francelho?

(...)

As tentativas dramáticas naufragam diante deste czariato de bastidores, imoral e vergonhoso, pois que tende a obstruir os progressos da arte. A tradução é o elemento dominante, nesse caos que devia ser a arca santa onde a arte pelos lábios dos seus oráculos falasse às turbas entusiasmadas e delirantes. Transplantar uma composição francesa para a nossa língua é tarefa de que se incumbe qualquer bípede que entende de letra redonda. O que provém daí? O que se está vendo. A arte tornou-se uma indústria; e à parte meia dúzia de tentativas bem sucedidas sem dúvida, nosso teatro é uma fábula, uma utopia.”

Apesar das críticas aos tradutores dramáticos, Machado, em uma crônica de 1864, elogia uma tradução de poesia apresentando a ideia de considerá-la como um original:

“A poesia de Whittier, traduzida pelo Sr. Dr. Pedro Luís, intitula-se -- O grito de uma alma perdida [The Cry of a Lost Soul]. É o modo por que os índios designam o grito melancólico de um pássaro que se ouve à noite nas margens do Amazonas. A poesia tradução parece poesia original, tão naturais, tão fáceis, tão de primeira mão são os seus versos. Não quero privar os entendedores do prazer de compararem as duas produções, os dois originais, deixem-me assim chamá-los.” (FERREIRA, p.127-128)

O escritor Monteiro Lobato (1882-1948) traduziu ao longo de grande parte de sua vida e foi também editor, responsável por diversas publicações de traduções. As reflexões de Lobato sobre tradução foram encontradas em *A Barca de Gleyre* [9], obra que reúne as cartas escritas por ele ao amigo Godofredo Rangel ao longo de mais de 40 anos de correspondência entre os dois. Enquanto tradutor e editor, Lobato afirmava ser favorável à simplificação da linguagem, a adaptações que aproximassem o texto do público leitor brasileiro; ele dizia não se prender à forma do original, mas ao conteúdo, e colocava-se contra uma linguagem rebuscada, ou ao que chamava “excesso de literatura”. Seus comentários sobre tradução são encontrados no 2º tomo da obra, em cartas do período de 1916 a 1940 (LOBATO, p.72 a 335). Como exemplo, mencionamos esta carta de 1925 (LOBATO, p.275) em que ele afirma seu propósito de simplificar a linguagem, além de dar ao tradutor a liberdade para realizar modificações que possam “melhorar o original”:

“Rangel:

Já mandei os originais do Michelet. Os cantos extraídos das peças de Shakespeare vão para que escolhas alguns dos mais interessantes e os traduzas em linguagem bem singela; pretendo fazer de cada canto um livrinho para meninos. Traduzirás uns três, a escolha, e mos mandarás com o original; quero aproveitar as gravuras. Estilo água do pote, hein? E ficas com liberdade de melhorar o original onde entenderes. O D. Quixote é para ver se vale a pena traduzir. Aprovado que seja esse resumo italiano, mãos à obra. E também farás para a coleção infantil coisa tua, original. Lembra-te que os leitores vão ser todos os Nelos deste país e escreve como se estivesse escrevendo para o teu. Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso – abrigar a linguagem.”

Em carta de 1924 (LOBATO, p.268), podemos observar que Lobato considera um texto rebuscado um entrave a sua aceitação pelo público leitor brasileiro, por isso sua intenção de tornar o texto agradável e de fácil leitura, para que seja compreendido e apreciado:

“Rangel:

Já conclui a semi-desarraigação do Bernardim Ribeiro, mas coisa tão leve que o leitor nem sente. Nada se perdeu da ingenuidade daquele homem. De ilegível que era, ficou delicioso de ler-se. Fiz a experiência ontem em casa, com as provas. Purezinha, sempre tão exigente, leu-o com encanto. Só agora, Rangel, vai o Bernardim popularizar-se no Brasil. Antes apenas lhe citavam o “Menina e Moça”, e os “imortais” recorriam ao seu rouxinol sempre que precisavam dum passarinho que não fosse virabosta. Eu tinha-o na estante e jamais o li. Pegava e largava. E como eu, todo mundo. Logo que saia tê-lo-ás aí. Vamos fazer uma linda edição. Aquele rouxinolzinho merece gaiola dourada.”

Após pesquisarmos os tradutores comentados, passamos a pesquisar as traduções de clássicos da literatura, procurando inicialmente as edições mais antigas. Nessa etapa consultamos obras do acervo da Biblioteca Nacional. Consultamos traduções de Proust [10] publicadas pela Editora Globo de 1948 a 1988. Os volumes de *Em busca do tempo*

perdido foram traduzidos por Mario Quintana, Manuel Bandeira, Lourdes Sousa de Alencar, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira. Nas edições não há comentários dos tradutores. No entanto, encontramos uma entrevista publicada em livro, *Encontro marcado com Mario Quintana* [11], na qual o poeta e tradutor tece algumas considerações sobre seu trabalho:

“Quando houve o primeiro aumento geral, fui o único a não ser aumentado. Naturalmente, tomei satisfações. A resposta que me deram foi que eu levava muito tempo na tradução. “Você, afinal, levou quatro meses para traduzir um volume”. Ora, eles não compreendiam que eu tinha que demorar tanto tempo quanto Proust levava para escrever o original, para fazer uma tradução digna. Queriam que eu traduzisse com a mesma velocidade com que traduzia romances sem civilização nenhuma, ditados para uma estenógrafa em uma semana. Por causa disso, abandonei minhas funções de tradutor na Globo e fui trabalhar no Correio do Povo.”

Em outra entrevista, publicada em *Viver e escrever* [12], Quintana afirma que uma boa tradução é *“aquela que segue o estilo do autor, e não o do tradutor. Os períodos de quadra e meia de Proust (sim, o período dele dava volta na quadra) não poderiam ser divididos em pedacinhos, por amor da clareza ou coisa que o valha, como acontece às vezes na tradução castelhana.”*

Consultamos traduções de *As aventuras de Tom Sawyer* e *As aventuras de Huckleberry Finn* de Mark Twain [13] publicadas por editoras diversas no período de 1933 a 1980, e não foram encontrados quaisquer comentários acerca das traduções realizadas por Orlando Rocha, Alfredo Ferreira, Luisa Derouet, Monteiro Lobato e Herberto Sales.

A editora Nova Aguilar publicou a tradução da obra completa dos escritores russos Tolstoi e Dostoiévski, em 1961 e 1963, respectivamente. Consultamos a 2ª edição da tradução de Tolstoi publicada em 1976 [14], que contém notas introdutórias às obras e um estudo crítico-biográfico sobre o autor, escritos pelo tradutor João Gaspar Simões. Não há, no entanto, reflexões acerca da tradução por parte dos tradutores João Gaspar Simões, Natália Nunes, Lygia Azevedo, Milton Amado e Oscar Mendes. Encontramos, na nota editorial de José Aguilar alguns comentários que mostram sua preocupação com a qualidade da tradução para que esta consiga preservar características do original, desde a sonoridade dos nomes até os hábitos típicos da alta sociedade narrada por Tolstoi. Assim, o editor parece almejar uma tradução que evoque a ambiência do autor e de sua época:

“Assistidos pela dedicada e completa cooperação de ambos os tradutores e da anônima, mas eficiente, equipe doméstica da Editora, tentamos nesta edição, como já foi feito nas de outros volumes anteriormente publicados, fornecer ao leitor um conjunto de convenções editoriais e de elementos auxiliares que propiciem a sua aproximação do autor e da obra e que contribuam para a sua melhor compreensão e prazer.

Em primeiro lugar, e a título de lícito recurso para conservar ao máximo a atmosfera do original, foi adotado na transliteração para o português dos nomes próprios russos, o critério uniforme de escolher, embora fugindo em parte às regras estritamente científicas, as letras ou combinações de letras latinas que com maior aproximação pudessem reproduzir na língua falada portuguesa o som dos caracteres cirílicos respectivos. (...)

Conservamos em francês – e eventualmente em alemão – o que no texto original está nessas línguas, embora incluindo no pé da página as respectivas traduções para o português. Era costume da alta sociedade russa da época usar habitualmente a língua francesa nas conversações mundanas; e a utilização da língua alemã era também

frequente nas famílias oriundas da marca do Leste e entre pessoas educadas nos Estados alemães ou por preceptores desta origem.”

Nos 4 volumes da obra completa de Dostoiévski, em edição de 1995 (segunda reimpressão da primeira edição) [15], também não há reflexões dos tradutores Natália Nunes e Oscar Mendes sobre a atividade tradutória. Encontramos, mais uma vez, nota editorial, na qual José Aguilar menciona o papel do editor em fornecer informações acerca da obra e de seu contexto, para que o leitor possa “*situar-se na ação do enredo, incorporar-se plenamente ao ambiente da obra, e aumentar o prazer e o proveito da leitura*”. Aguilar conclui a nota ressaltando a escolha dos tradutores certos para a realização de seus objetivos editoriais:

“Essa consciência do papel e da responsabilidade do editor, e a preocupação de “não subestimar a inteligência do leitor, nem superestimar a sua informação”, caracterizam o estilo editorial dos livros até agora por nós publicados; explicam os esforços da Editora por obter a colaboração dos assessores, tradutores, preparadores e prologuistas certos para cada autor ou cada obra; e justificam a entrega dessa tradução da obra completa do genial romancista russo à escritora Natália Nunes e ao crítico e escritor Oscar Mendes.”

O editor também inclui na publicação uma nota intitulada “Critério observado na transliteração e grafia dos vocábulos russos”, em que podemos observar a intenção de preservar a atmosfera presente no original, não abasileirando termos ainda não dicionarizados em português:

“Conservaram-se, também, na tradução, e obedecendo ao mesmo critério de transliteração, os termos comuns russos e de outras línguas que não têm ainda exata equivalência em português e até por uma questão de conservação de certo sabor específico que assegura maior ambiência ao texto.

Ao contrário, procedemos com aqueles já muito generalizados e que são, por assim dizer, de conhecimento internacional, estando mesmo aportuguesados e dicionarizados, alguns.”

A obra de Somerset Maugham [16] foi também publicada por José Aguilar em 1972. No volume 1 encontram-se *Mrs. Craddock* (tradução de Armando S. Pires), *Servidão humana* (tradução de Antonio Barata), *Um gosto e seis vinténs* (tradução de Gustavo Nonnenberg), e no volume 2, *Histórias dos mares do sul* (tradução de Leonel Vallandro), *O véu pintado* (tradução de Hamilcar de Garcia), *O agente britânico* (tradução de Vidal de Oliveira), *Um drama na Malásia* (tradução de Teodomiro Tostes) e *O fio da navalha* (tradução de Lígia Junqueira Smith). Não há comentários dos tradutores sobre tradução, apenas uma menção às traduções na nota editorial:

“Esta edição de sua obra selecionada é acompanhada de um estudo crítico-biográfico de autoria de John Brophy, da coleção Escritores Ingleses, editada pelo British Council (ao qual agradecemos a gentileza de utilizá-lo nesta edição), traduzido pelo nosso colaborador Prof. Oscar Mendes, responsável também pelas notas introdutórias; de uma bibliografia selecionada e de uma iconografia.

Um acordo com a Editora Globo, detentora dos direitos autorais da tradução da obra de Maugham, permite-nos utilizar as traduções brasileiras por ela lançadas, o que agradecemos.”

A Nova Aguilar publicou a tradução de *D. Quixote* de Cervantes [17] em 1983. A editora em nota editorial dessa publicação explica os motivos pelos quais optou por utilizar uma tradução antiga já existente, mostrando a preocupação em preservar o estilo do original e considerando a tradução “fiel e fidedigna”:

“Na verdade estivemos inclinados a preparar uma nova versão em língua portuguesa, mas, ao examinarmos as que já existem, escolhemos a que realizaram os

Viscondes de Castilho e Azevedo, que se tornou famosa entre as demais. Um dos seus méritos incontestáveis é o de conservar o sabor castiço de seus torneios e frases, o que sem dúvida se deve ao estreito parentesco existente entre as duas línguas, que transmite ao leitor de língua portuguesa grande parte do encanto que o leitor espanhol encontra ao ler a obra no seu idioma.

Entretanto, tivemos o cuidado de cotejar esta tradução com as edições mais autorizadas em língua castelhana, completando alguns textos – notadamente os preliminares de cada uma das partes, que foram suprimidos na tradução citada – e de modificar alguns lapsos em que incorreram esses excelentes tradutores, fosse por ignorar o verdadeiro sentido ou intenção oculta em determinadas palavras ou frases, fosse pela tendência discreta de suavizar as passagens em que se manifesta cruamente a linguagem popular da época, ou em que o autor deixa escapar alguma expressão menos respeitosa com relação à Igreja. Por sinal, que o fato de a primeira de D. Quixote não se achar incluída no Index librorum prohibitorum et expurgatorum publicado sete anos depois pelo Inquisidor Geral de Espanha, o Cardeal-Arcebispo Sandoval de Rojas, não a livrou do rigor do Index (1624) do Bispo Mascarenhas, Inquisidor Geral de Portugal, que mandou suprimir diversas passagens dos capítulos XIII, XVI, XVII, XX, XXVI e XXVII. É óbvio que tais cortes aparecem integralmente nesta edição. Esta é, por conseguinte, uma tradução fiel e fidedigna, adaptada, além disso, à ortografia oficial vigente.”

Por fim, na tradução de *Do amor* de Stendhal [18], em edição da José Olympio, de 1958, o tradutor Wilson Louzada faz um prefácio em que comenta vida e obra do autor, e uma breve Advertência, em que explica a forma com que realizou a seleção da obra:

“Esta edição do De L’Amour, de Stendhal, não é uma tradução integral da referida obra. O tradutor escolheu de preferência trechos de sua primeira parte – na opinião do crítico Maurice Bardèche, citado no prefácio, a mais íntima e pessoal do livro, a mais stendhaliana, digamos assim – obedecendo porém, no todo, certa ou erradamente, antes de tudo ao seu gosto pessoal na seleção adotada, o que deu à obra, portanto, um nítido caráter de antologia.”

Até o momento, temos encontrado mais fragmentos do que trechos longos que abordem a tradução ou ideias e concepções acerca da atividade tradutória. Isso talvez se deva, em parte, ao fato de as editoras brasileiras não adotarem a prática de oferecerem prefácios de tradutores ou paratextos equivalentes.

Resultados parciais da pesquisa já foram relatados em 2010 em dois eventos acadêmicos internacionais. Na 6th Conference on Translation Studies – International Conference on Translation in 19th- and 20th-century Anthologies and Collections, realizada em Lisboa, Portugal, em 6-7 de maio, o trabalho "Anthologizing Brazilian Discourse on Translation" integrou a mesa-redonda "Non-Literary Anthologies", e no V Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (V CIATI), que ocorreu em São Paulo, SP, de 17 a 20 de maio, foi apresentada a comunicação "Quando uma tradução não é uma tradução: o caso de Nísia Floresta".

Referências

[1] SCHULTE, Rainer e Biguenet, Jean (org.). *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1992.

[2] ROBINSON, Douglas. *Western Translation Theory: From Herodotus to Nietzsche*. Manchester, England: St. Jerome, 1997.

[3] VIRGÍLIO. *Eneida Brasileira*. Tradução de Odorico Mendes. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

[4] HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes. (manuscrito do Acervo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis: maço 47 - Doc.1077 - Cat.B)

[5] AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Cortez, 1989. (Introdução e notas de Constância Lima Duarte.)

[6] WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects*. London: J. Johnson, 1792. (Edição utilizada no artigo de Pallares-Burke: Penguin Books London, 1992, ed. Miriam Brody.)

[7] PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta*. In: *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

[8] FERREIRA, Eliane F. C. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004.

[9] LOBATO, Monteiro. (2 volumes) *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1951.

[10] PROUST, Marcel. *No caminho de Swann (Du côté de chez Swann)*. Tradução de Mario Quintana. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1948. (acervo BN: I-396,5,19)

PROUST, Marcel. *À sombra das raparigas em flor (À l'ombre des jeunes filles en fleur)*. Tradução de Mario Quintana. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1951. (acervo BN: I-396,8,11)

PROUST, Marcel. *O caminho de Guermantes (Le côté de Guermantes)*. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1964. 2ª edição. Obra em duas partes. Não há comentários do tradutor. (acervo BN: II-1,8,27)

PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra (Sodome et Gomorrhe)*. Tradução de Mario Quintana. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1957. 2ª edição. Primeira parte e segunda parte (dividida em 4 capítulos). Não há comentários do tradutor. (acervo BN: II-250, 4,6)

PROUST, Marcel. *A prisioneira*. Tradução de Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar. Rio de Janeiro: Globo, 1988. 8ª edição revista por Olgária Chaim Féres Matos. Não há comentários dos tradutores. (acervo BN: V-346,1,37)

PROUST, Marcel. *A fugitiva (Albertine disparue)*. Tradução de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1956. 4 capítulos. Não há comentários do tradutor. (acervo BN: II- 303,2,18)

PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto (Le temps retrouvé)*. Tradução de Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Editora Globo, 1957. 3 capítulos. Não há comentários da tradutora. (acervo BN: II-303,2,16)

[11] TÁVORA, Araken. *Encontro marcado com Mario Quintana*. L&PM, 1986. (acervo BN: VI-343,4,55)

[12] STEEN, Edla van. *Viver e escrever*. Vol.1. L&PM, 2008.

[13] TWAIN, Mark (Samuel L. Clemens) *As aventuras de Tom Sawyer*. Versão do inglês por Orlando Rocha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1933. Há o prefácio do autor e os capítulos I ao XVII, fim do primeiro volume. (acervo BN: I-393, 2,4)

TWAIN, Mark (Samuel L. Clemens) *As aventuras de Tom Sawyer*. Tradução de Alfredo Ferreira. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1949. Há o prefácio do autor e os capítulos I ao XXXIV. (acervo BN: I-393,2,1)

TWAIN, Mark (Samuel L. Clemens) *As aventuras de Tom Sawyer*. Tradução de Luisa Derouet. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Prefácio, capítulos I ao XXXV e conclusão. (acervo BN: VI-257,3,25)

TWAIN, Mark (Samuel L. Clemens) *As aventuras de Huck (The adventures of Huckleberry Finn)*. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Capítulo I ao Capítulo Último (XLIII). (acervo BN: I- 393,2,6)

TWAIN, Mark (Samuel L. Clemens) *As aventuras de Huck*. Tradução de Alfredo Ferreira. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1957. Capítulo I ao Último Capítulo (XLIII). (acervo BN: II-75, 2,28)

TWAIN, Mark (Samuel L. Clemens) *Aventuras de Huck*. Texto de Herberto Sales. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Tradução e adaptação publicadas sob licença da Editora Tecnoprint LTDA, Rio de Janeiro. Capítulo 1 ao Último Capítulo (43). (acervo BN: VI-213, 5,9)

[14] TOLSTOI. *Obra Completa*. (3 volumes). 2. ed. Nova versão, anotada, de João Gaspar Simões e Natália Nunes. Tradução de João Gaspar Simões; Natália Nunes; Lygia Azevedo; Milton Amado; Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

[15] DOSTOIÉVSKI. *Obra Completa*. (4 volumes). 2ª reimpressão da 1ª edição. Tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

[16] MAUGHAM, Somerset. *Obra Escolhida*. Organizada por Oscar Mendes. Rio de Janeiro, José Aguilar Editora, 1972.

[17] CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

[18] STENDHAL. *Do Amor (Trechos Escolhidos)* Seleção, Tradução e Prefácio de Wilson Louzada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

